

O grupo de acompanhamento de pesquisa: saúde mental dos universitários no contexto da pandemia

DOI: 10.5935/1984-9044.20210017

Maria Inês Badaró Moreira¹, Bárbara Coelho Vaz², Beatriz Venancia Dias¹, Bruno Alves¹, Camila Bezerra Borges¹, Isabella Dourado Barros¹, Joanna Comerlatti Rigotti¹, Larissa Lumi¹, Maria de Fátima Santana de Nazaré¹

Resumo: O advento da pandemia e as necessárias mudanças no cotidiano afetaram fortemente a saúde mental dos universitários. Inserido em uma pesquisa qualitativa sobre a saúde mental dos universitários no contexto imposto pela COVID-19, este artigo objetiva descrever o Grupo de Acompanhamento de Pesquisa (GAP) inserido num processo metodológico. O GAP promoveu o encontro, criou vínculos entre os pesquisadores e participantes; produziu vasto material sobre as vivências dos universitários quanto às alterações nos seus modos de vida, relações sociais e no contexto acadêmico. Foi possível identificar formas de sofrimento decorrentes da relação com as Universidades: incertezas da continuidade e formatura no curso. Sofrimentos relacionados às dimensões da vida: vivências traumáticas, morte e luto, ansiedade diante do novo modo de vida, planos interrompidos, dúvidas sobre o presente e ao futuro. Nesse sentido, o GAP se mostrou potente quanto ao encontro, ao espaço de escuta e troca de vivências no período da pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa qualitativa; estudantes universitários; saúde mental; pandemia de COVID-19

The research monitoring group: university students' mental health in the pandemic context

Abstract: The advent of the pandemic and the necessary changes in daily life strongly affected the mental health of university students. Inserted in a qualitative research on the mental health of university students in the context imposed by COVID-19, this article aims to describe the Research Monitoring Group (GAP) inserted in a methodological process. The

¹ Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

² Fundação Oswaldo Cruz

GAP promoted encounters, created bonds between researchers and participants; produced vast material on the experiences of university students regarding changes in their ways of life, social relationships and in the academic context. It was possible to identify forms of suffering resulting from the connection with the Universities: uncertainties about the continuity of the studies and graduation in the course. Sufferings related to the dimensions of life: traumatic experiences, death and mourning, anxiety about the new way of life, interrupted plans, doubts about the present and the future. In this sense, the GAP proved to be a powerful meeting place, a space for listening and sharing experiences during the pandemic's lockdown period.

KEY WORDS: qualitative research; college students; mental health; COVID-19 pandemic

Introdução

O advento da pandemia de COVID-19 obrigou os países a adotarem medidas para contenção da doença, provocando alterações no cotidiano e impactos significativos no modo de vida. Algumas dessas medidas, como a quarentena e o isolamento social, ainda que de extrema importância para o controle da pandemia, apresentaram diversos efeitos na saúde mental (Islam et al., 2020; Rossi et al., 2020).

Dessa forma, as mais diversas dimensões de vida dos sujeitos são afetadas, produzindo angústias e sofrimentos, além do adoecimento físico. Conforme sugerem Medina e Jaramillo-Valverde (2020):

[...] as pessoas permanecem isoladas em quarentena evitando a propagação da doença, gerando a elas desespero, perda de liberdade, tédio, insônia, pouca concentração e indecisão, irritabilidade, raiva, ansiedade, angústia de não ter contato físico ou contato com familiares, amigos, ou não ser ca-

paz de desenvolver uma rotina de vida normal, tudo isso podendo trazer consigo efeitos dramáticos se não forem bem canalizados. (p. 3, tradução dos autores)

Além desses aspectos, no que concerne especialmente aos estudantes universitários, a interrupção das atividades culminou no afastamento do ciclo social acadêmico, e nas inúmeras incertezas acerca do futuro: continuidade do curso, projetos de pesquisa, estágios, entre outras atividades (Zhai & Du, 2020). Ademais, muitas instituições iniciaram rapidamente uma alteração da forma de ensino e aprendizagem para o modelo remoto e virtual, mudança que tem se mostrado como um dos principais fatores estressores para os universitários (Portaria MEC nº 544, 2020; Hasan & Bao, 2020).

Diante de uma necessária aproximação do objeto de estudo intitulado “Pandemia de COVID-19:

Vivências de isolamento no contexto de pandemia e repercussões na saúde mental de universitários”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade sob o CAAE: 32255120.9.0000.5505, adotaram-se diferentes abordagens metodológicas, entre elas, o Grupo de Acompanhamento de Pesquisa – GAP.

A presença do modelo GAP foi utilizada como metodologia em pesquisas anteriores; Onocko-Campos, Furtado, Passos e Benevides (2008) adotaram tal dispositivo como um comitê científico que discutia basicamente o andamento das pesquisas em questão. Passos, Otanari, Emerich e Guerini (2013) assumiram o Comitê Cidadão como estratégia de diálogo entre os participantes. Furtado e Nakamura (2014) estabeleceram o Comitê de Acompanhamento de Pesquisa para servir de canal de comunicação e circulação das opiniões, dúvidas e crí-

ticas, um espaço de troca de vivências sobre o andamento da pesquisa junto com todos os atores envolvidos.

[...] construindo um espaço de troca de informações sobre o andamento da pesquisa com os atores envolvidos. Além de ser oportuno para discutir questões que permeiam o objeto estudado e enriquecer a compreensão dos pesquisadores, o CAP é um espaço no qual todos têm a oportunidade de expressão perante o grupo. (Vaz, Alves e Campos, 2014, p. 230)

De acordo com Vaz, Lyra, Cardoso, Silva e Moraes (2019), todas essas experiências citadas por outros autores, mesmo que com nomenclaturas distintas, configuram-se como espaços no qual todos têm a oportunidade de se expressar e discutir não apenas as questões que permearam o objeto estudado, mas também outras pautas que possam enriquecer os dados almejados e que subsidiem a tomada de decisão dos coordenadores da pesquisa. Dessa for-

ma, a troca entre os sujeitos presentes permite a elaboração e produção de novos sentidos, acolhendo e cuidando daquilo que emerge (Passos et al., 2013).

Tendo em vista a urgência de se compreender quais são os possíveis sofrimentos psíquicos que podem se instalar ou agravar nesse período entre jovens estudantes universitários, considerou-se fundamental a sua participação no GAP. Como resposta a uma pesquisa comprometida em produzir conhecimento com a participação contínua dos interessados, o GAP surge da constatação de que dados de pesquisa não devem ser construídos distantes do público a que se dirige o conhecimento produzido.

Esse grupo se orienta pelo debate sobre o andamento da pesquisa, sobre os dados que surgem, além de contribuir para o redirecionamento do estudo. Por outro lado, também permite consolidar a

participação do público-alvo, inserindo diferentes olhares para compor as reflexões e a avaliação sobre a pesquisa em si e avançar em demais temas. Por fim, assegurar a expressão do maior número possível de membros em torno da reflexão e avaliação da ação empreendida e a especial consideração da palavra e dos afetos relativos a essa mesma ação.

Por meio do GAP, podem-se levar diferentes atores envolvidos a partilharem a análise da ação, contribuindo de forma original para fomentar a reflexão e sua autoavaliação (Furtado, Onocko-Campos, Moreira, & Trapé, 2013), assumindo o compromisso de construir relação estreita com aqueles que foram diretamente atingidos pela transformação nos meios de aprendizagem e trabalho virtual sem preparação anterior.

Assim, esse importante espaço aponta caminhos, identificando os contornos possíveis para as respostas de enfrentamento dos efeitos psíquicos nesse contexto de isolamento social.

A escolha do GAP faz com que não só os pesquisadores, mas também os participantes tenham um papel crucial nos elementos necessários para a tomada de decisão sobre o andamento da pesquisa em suas diferentes etapas. Corrobora tal afirmativa o estudo de Passos et al. (2013), ao mencionar a importância desse desenho metodológico:

Do lugar de meros informantes, os participantes são incluídos na pesquisa assumindo posição ao lado do pesquisador, o que altera significativamente a maneira de organizar os procedimentos, muitas vezes caracterizados pela hierarquia dos diferentes e pelo corporativismo dos iguais. O desafio é o de transformar a pesquisa sobre em uma *com* sujeitos. (p. 2921, grifo nosso)

Dessa forma, este artigo tem como objetivo descrever o GAP inserido no processo metodológico na pesquisa sobre a saúde mental dos universitários no contexto de pandemia de COVID-19 no Brasil. Para tanto, busca-se analisar se

essa metodologia foi capaz de possibilitar uma aproximação entre os pesquisadores e os participantes para, além de fornecer material para análise qualitativa, também possa construir espaço de troca e acolhimento.

Método

O GAP foi elaborado nesse desenho metodológico para alcançar o objetivo proposto, considerando o balizamento de pesquisa qualitativa nacional que buscava compreender os possíveis sofrimentos psíquicos que podem se instalar ou agravar nesse período pandêmico entre jovens estudantes universitários.

Neste estudo, além dos pesquisadores principais, o grupo de pesquisadores contou com estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal de São

Paulo (UNIFESP). Para promover os encontros e manter o distanciamento social, todos ocorreram de maneira remota, através da plataforma de videoconferência Google Meets. Foram gravados e transcritos, com durações de aproximadamente duas horas, entre os meses de março a agosto, ao longo do andamento da pesquisa nessa primeira etapa.

Desses encontros, os primeiros foram caracterizados pelo alinhamento conceitual e pela elaboração dos instrumentos utilizados

no desenvolvimento da pesquisa, incluindo as outras etapas pertinentes ao processo metodológico, como a validação de um formulário e a revisão teórica e bibliográfica. Nos encontros subsequentes, após a implantação, o GAP passou a ser composto por universitários, visando ao objeto da pesquisa em si, compartilhando suas experiências e percepções durante a pandemia.

Quanto ao conteúdo dos encontros, desde o cronograma, aplicação e conteúdo do formulário TCLE, o critério de seleção dos participantes, a técnica adotada para o convite (pactuando-se pela afetividade e convivência com os pesquisadores), o manejo com convidados e o formato desses encontros, até o material técnico-científico, todos os aspectos foram cuidadosamente discutidos e decididos dentro do GAP.

Assim, nos encontros, buscou-se o respeito pela fala de todos em

um ambiente com poucas formalidades, compreendendo que, muitas vezes, falar sobre sofrimento da vida pessoal pode ser um desafio. Logo, os integrantes do GAP buscaram produzir um ambiente acolhedor, mantendo a relação do grupo de modo horizontal e colaborativo.

Por fim, para compor o material de análise dos dados obtidos nos encontros, foram utilizadas gravações de vídeo realizadas através da plataforma digital, que foram transcritas posteriormente, optando-se pela substituição do nome dos pesquisadores e participantes por códigos numéricos (#00), com o intuito de preservar suas identidades. No processo de análise dos dados, foram elencados os temas e afetações prevalentes, considerando os diferentes momentos da pandemia e o impacto de cada recorte temporal nos dados produzidos pelos participantes.

Resultados e discussão

O primeiro destaque observado foi a ruptura no modo de vida e no cotidiano dos universitários. Uma transformação importante que se apresentou como enorme desafio foi a necessidade de buscar novos modos de lidar com interrupções em seus planos de vida que estavam em andamento. Novas compreensões e ressignificações são demandas impostas pela pandemia, e o contexto universitário adensou ainda mais elementos que geram sofrimento. Como apresentado por Reardon (2015), a saúde mental dos indivíduos é fortemente afetada por momentos de crise, como uma pandemia.

As diferentes realidades acerca da vida estudantil também influenciaram o contato dos estudantes com a universidade. Em um estudo realizado com a população chinesa no início da pandemia, foi

observado que o grupo de jovens estudantes era mais propenso a sofrer impactos psicológicos gerados pela COVID-19, justamente pela situação educacional incerta (Wang et al., 2020).

Esse contexto incerto se estende com a decisão pelas aulas remotas, pois muitos universitários relataram que viviam em outras cidades para estudar e voltaram para a casa dos pais devido à pandemia. Essa ruptura sem avisos prévios produziu diversos impactos, já que não imaginavam que a pandemia se estenderia por tanto tempo, sendo um grande exemplo o impacto no planejamento de futuro – visto que essa é uma das diversas dimensões que compõem o sujeito –, por não saberem a duração da situação ou os efeitos de longo prazo.

“Acho que o que pegou para mim foi eu não ter podido me despedir da minha vida, [a quarentena se instaurou] de um dia para o outro. Eu saí de lá achando que eu ia passar um final de semana [na casa dos pais] e acabou minha rotina. Conforme os dias foram passando e foram sendo renovadas as questões de suspensão das aulas, chegou um momento que a gente começou a perceber qual era a real dimensão da doença. No meu caso, começou a degingolar um pouco a questão da saúde mental.” (Participante 9)

As falas corroboram os achados na literatura que demonstram a insatisfação estudantil com o ensino remoto em diversos lugares do mundo, com muitos universitários não se sentindo aptos física e/ou mentalmente para participar dessa modalidade de ensino em decorrência das alterações na rotina, das dificuldades de comunicação com os docentes ou de acesso à internet, entre outros fatores que impactam o aproveitamento das atividades

pedagógicas oferecidas nesse contexto (Baticulon et al., 2020; Abbasi, Ayoob, Malik, & Memon, 2020; Giavrimis & Nikolaou, 2020).

“Eu tenho uma matéria semestral que era completamente prática, primeiros socorros e aprender a dar injeção. Essa matéria é completamente prática, e a gente não teve nada, mas eles falaram que a gente teve tudo e eles vão tentar fazer um fim de semana. Eles falaram que vão tentar fazer um mutirão para repor o que seria a prática, só que eu não sei se dois dias supriria porque eu teria que ter aprendido a dar injeção de todos os tipos, subdérmica, intravenosa, intramuscular. Eu teria que ter aprendido a fazer RCP, que fiz numa garrafa PET, no travesseiro, ou seja, eu não aprendi. Foi ridícula essa aula, foi um surto coletivo. A professora mandava a gente abrir a câmera, ela escolhia aleatoriamente fulano: 'você, cadê a sua almofada com a sua garrafa PET... vamos ressuscitar.' Eu juro por Deus que essa aula aconteceu e foi a coisa mais bizarra da pande-

mia. Ainda tinha um professor convidado, mandou uma menina abrir a câmera, aí ela começou a fazer o RCP, aí ele: ‘não, você não pode parar, você não pode parar até a ambulância chegar, a ambulância chega em 4 minutos, continua fazendo’, e a menina fazendo RCP quatro minutos na garrafa PET.” (Participante 11)

No que diz respeito à desestruturação da rotina diária e acadêmica, o estudo realizado com estudantes de medicina da faculdade de Changzhi elencou alguns estressores relacionados à pandemia, como: preocupação com a epidemia pelos atrasos acadêmicos e a influência da epidemia na vida cotidiana (Cao et al., 2020). Além de os conflitos pessoais terem sido intensificados, a dificuldade em criar uma rotina e a falta de perspectivas para o final dessa situação de pandemia foram apontadas como geradores de desânimo. Ademais, alterações no ciclo do sono também apare-

ceram, conforme o relato a seguir demonstra:

“Só que essas últimas semanas, estou perdido na vida, só fui sendo arrastado e ficando na cama por horas. E trocando o dia pela noite, indo dormir 4 horas da manhã, ficando na cama deitado, às vezes não dormindo, mas ficando até 3 da tarde, sem ter coragem de levantar.” (Participante 10)

Além da relação com a universidade, ao longo dos encontros, diferentes falas revelavam as alterações nas mais diversas dimensões de vida, como as rupturas na vida afetiva, nas perspectivas de futuro, nos contextos familiares. Esses foram fatores disparadores para o surgimento ou a intensificação de angústias e sofrimentos.

Com isso, foi possível perceber como essas situações de conflito e inquietações impactaram na saúde mental desses estudantes, sendo relatados sentimentos como desânimo, medo, ansieda-

de, aprisionamento e desamparo, bem como modificações no sono e desorganização do cotidiano, entre outros temas. Muitos dos sentimentos relatados estavam relacionados à possibilidade de que seus familiares, amigos ou o próprio participante pudessem adoecer por conta da COVID-19. Observam-se essas manifestações nos trechos dos encontros a seguir:

“Fiquei doente durante a viagem. Eu voltei para o Brasil e já não estava bem. Eu imagino o risco que eu coloquei minha família, porque no primeiro dia que eu cheguei, fui para casa da minha mãe, e eu nem sei se eu acabei passando alguma coisa, enfim, eu fiquei mega preocupado com isso.” (Participante 8)

“Então, na verdade, no começo já vi que ia sofrer muito porque sou hipocondríaca, tenho muito medo de doença.” (Participante 9)

Além da mudança do padrão de contato com os parceiros e familiares, as dinâmicas afetivas en-

volveram diversas renúncias e restrições, considerando o risco de contágio e adoecimento, como é possível observar no trecho a seguir:

“Eu não estou na minha casa, eu estou morando num hostel justamente porque minha sogra é de idade, meus pais também são de idade, então eu optei por me distanciar porque namoro uma pessoa que trabalha na área da saúde, e, aí, como nós tínhamos viajado juntas, ficamos por aqui mesmo para não correr o risco de contaminar ninguém e por poder ter contaminado durante a viagem ou dentro do avião.” (Participante 10)

Ao estreitar vínculos, as falas passaram a abordar mais intensamente os aspectos afetivos mais íntimos, desde relações familiares afetadas pelo convívio diário e alteradas por conta da COVID-19 aos demais relacionamentos interpessoais. O maior convívio com as pessoas com quem os participantes dividiam a casa, o isolamento e o tempo

constante no mesmo ambiente também foram apontados como intensificadores de conflitos, seja com outras pessoas seja internamente.

“Eu acho que tanto a questão interna e emocional quanto os pequenos conflitos viram coisas muito grandes. Eu acho que eu também sou uma pessoa de evitar conflitos, então, aconteceu alguma coisa eu ia dar uma volta, fazer alguma coisa para não brigar, e [agora] eu não tenho esse espaço.” (Participante 9)

“Essa convivência extrema, esse processo muito próximo me faz mal. Eu não estou na casa dos meus pais, eu estou na república ainda. É muito difícil não poder fazer o que se quer. Umás semanas atrás, eu dei uma surtada, uma sensação de que eu sou um prisioneiro. Eu não podia sair de casa, e me tranquei no banheiro e fiquei lá angustiado e querendo sair, falando ‘meu deus do céu, o que eu faço com a minha vida? Com esse sentimento? [...]’ Eu estava conversando com um amigo meu e fa-

lava de não poder sair, de fugir de si, porque você está vivendo coisas e está com um processo, essa cabeça vai lá, você tem coisas para fazer que demandam a sua atenção, você não pode ficar muito pensando naquilo, e dentro de casa não, você tem que está lá o tempo todo consigo. Assim, não tem muito para onde ir.” (Participante 10)

O GAP propiciou um encontro entre pessoas por uma experimentação da virtualidade de modo diferente, sustentada pelo vínculo, que possibilitou um descolamento e uma ressignificação do espaço e do distanciamento, uma vez que surgiam como temas tanto as dificuldades e angústias em lidar com as restrições e o afastamento das relações afetivas como, também, os sentimentos e conflitos gerados pela convivência extrema.

Dessa forma, o GAP assumiu um caráter de aproximação entre os participantes, além de permitir àqueles que estivessem em um

contexto de isolamento e de convívio intenso com seu núcleo imediato uma possibilidade de “sair” desse cenário. Essa possibilidade de falar das questões vividas em outros espaços, com outras pessoas, fez com que os participantes manifestassem a vontade de permanecer nesse coletivo de forma permanente, embora não tenha sido possível por parte dos pesquisadores.

Ao comparecerem pela segunda vez aos encontros do GAP, alguns participantes relataram menor preocupação com o contágio, tendo suas falas coincidido com o movimento de reabertura do comércio local e início da retomada de algumas atividades. Muitos participantes, na fase de reabertura, relataram sentimento de frustração ao perceberem a flexibilização do isolamento social e um relaxamento nas medidas de biossegurança por uma parcela da população, enquanto outros continuavam seguindo o isolamento

de maneira mais rígida. Vivenciar essa situação foi, inclusive, descrito por um dos participantes como um fator negativo à sua saúde mental:

“O que mais está pesando na minha saúde mental realmente é comparar a minha situação, ver [que] quem tá se importando tá muito mais sobrecarregado do que quem tá vivendo a vida sem se importar com ninguém...” (Participante 9).

Por vezes, relataram uma ideia de que eram os únicos a manter o isolamento mais restrito e que, ao encontrarem pessoas que também o cumpriam, diziam se identificar e se sentir acolhidos, conforme se observa na fala a seguir:

“Eu queria falar que escutar vocês e ver que eu não sou a única pessoa que está em casa me deixa muito bem. Porque eu tenho a impressão de que eu sou a única otária do Brasil. O resto está no bar fazendo festa e tudo, então me acalma estar neste grupo. E ver

que tem muita gente passando por tudo que eu estou passando, no mesmo cenário”. (Participante 7)

“Me acalma, assim, de ver que não é só eu, de ver que não é em vão. Às vezes a gente só se sente otário. Ver um movimento um pouco maior e ver que tem gente ainda está segurando as pontas [em casa] é muito bom.” (Participante 8)

Nos encontros durante o progredir da flexibilização – sem uma evidente redução no número de casos de contaminação por COVID-19 –, muitos participantes relataram a vivência de conflitos com entes queridos da ordem da manutenção do cotidiano: alimentação, cuidado doméstico, relações violentas, entre tantas outras, seja com parentes que convivem na mesma residência seja com amigos e familiares que frequentam os mesmos círculos sociais. Tais conflitos eram oriundos dos diferentes pontos de vista acerca do isolamento social, já que a gradual reabertura e a retomada das atividades fez com

que muitos flexibilizassem os cuidados e voltassem às atividades habituais fora do ambiente domiciliar. A relação conflituosa pode surgir com casais que passaram o isolamento juntos ou não (Luetke, Hensel, Herbenick, & Rosenberg, 2020). É interessante, no entanto, observar que o participante 12 relaciona a adesão ao isolamento como um fator negativo em sua relação:

“Às vezes, essa relação com a minha namorada passa um pouco por isso, e o problema é que ela acha que eu estou menosprezando-a ou me afastando dela. Ela não entende que eu mantenho esse isolamento para proteger tanto ela quanto a mim, mas, principalmente, minha mãe também, porque eu me preocupo muito [...]. Eu fico pensando se eu agir, naturalizar isso e fazer o vírus circular e botar as pessoas próximas de mim em risco e trazer risco para casa, seja pra minha própria saúde ou atingir minha mãe, eu não me perdoaria por isso.” (Participante 12)

De uma forma geral, nas falas que relataram uma maior flexibilização do isolamento social pelos participantes da pesquisa, foram observadas dissonâncias. Enquanto alguns ainda traziam sentimentos de angústia por manterem-se em isolamento – sentindo-se cada vez mais sozinhos –, outros apresentavam uma diminuição do medo da contaminação pela COVID-19 e, por isso, saíam de casa, por não enxergarem tantos riscos.

As mudanças relatadas no padrão de sono confirmam a literatura ao apontar uma maior chance de que as pessoas – principalmente jovens universitários em isolamento social – durmam e acordem mais tarde, demonstrando que a ansiedade nessa situação possui relação com distúrbios do sono. (Altena et al., 2020; Marelli et al., 2020).

Essas transformações, em conjunto com os demais fatores, co-

mo a exposição a notícias, sentimento de solidão, desesperança e falta de controle, contribuem para que esse grupo desenvolva complicações secundárias decorrentes da pandemia e do isolamento social (Mann, Krueger, & Vohs, 2020; Shanahan et al., 2020). Queixas relacionadas a tais aspectos surgiram ao longo dos encontros, como exemplificado a seguir.

“Eu comecei a ter umas dores no peito, muito cansaço. Eu não conseguia comer, então perdi peso e eu não entendia o que estava acontecendo comigo e achei que eu estava doente dessa doença [...]. Minha pressão estava 19 por 12, meus batimentos cardíacos estavam muito alterados também, a médica disse que o meu eletrocardiograma estava normal e que eu estava tendo uma crise de ansiedade, basicamente. E aí ela recomendou que eu começasse a tomar fluoxetina, e eu comecei a tomar”. (Participante 9)

“É que eu estava tendo muita ansiedade, e estou tendo um desânimo que eu não sei nem se é uma depressão, porque às vezes me vem um pensamento de ‘pra que viver essa vida?’ [...] Eu estou percebendo muito isso agora, tem um cansaço e tem um meio que um desvalor da vida mesmo”.
(Participante 12)

A utilização da metodologia GAP mostrou-se como uma ferramenta potente de escuta e contato durante esse período, gerando

acolhimento em meio à desorganização causada pelos planos interrompidos e pelas incertezas sobre o presente e o futuro. A estrutura e a dinâmica dos encontros permitiram, mesmo que virtualmente, uma interação e vínculo entre os participantes-pesquisadores e os participantes-voluntários, promovendo a partilha de informações e experiências pessoais em um ambiente seguro, que garantia acolhimento.

Considerações finais

Essa estratégia de acompanhar o desenvolvimento de cada ato da pesquisa em si tem se tornado fundamental em pesquisas qualitativas em saúde mental. Propiciar os encontros entre as pessoas, aprofundando e adensando gradualmente elementos no GAP, foi uma estratégia pertinente para acessar e coletar dados qualitativos acerca da saúde

mental de universitários durante a pandemia de COVID-19.

Por se tratar de pesquisa conduzida por profissionais com ampla experiência em serviços de saúde mental e em cuidados psicossociais, garantiu-se espaço para acolhimento e escuta de situações de sofrimento psíquico. Esse espaço de cuidado foi assumido

como compromisso ético pelas pesquisadoras ao iniciar a pesquisa. Nota-se, ainda, que estudantes universitários compartilharam com os pesquisadores diversas angústias e vivências, de modo que o GAP obteve dados compatíveis com os adquiridos na literatura, demonstrando que a metodologia conseguiu realizar o que também se propôs: obter dados passíveis de análise qualitativa.

Além de ter se constituído como um espaço para acolhimento e trocas das vivências entre universitários, tal recurso se mostrou oportuno para o estabelecimento de vínculo e potente para fortale-

cer as redes de apoio, mesmo que desenvolvido virtualmente. Assim, o GAP mostrou ser uma metodologia qualitativa de amplificação de falas e adensamento dos resultados.

Para finalizar, a pesquisa demonstra que essa abordagem deve ser âncora de estudos no contexto pandêmico e indica que novas pesquisas com esse tipo de metodologia podem ser desenvolvidas, explorando seu potencial, não somente com a amostra de universitários, mas também em pesquisas qualitativas que possuam como objetivo o encontro com a experiência dos sujeitos.

Referências

Abbasi, S., Ayoob, T., Malik, A., & Memon, S. I. (2020). Perceptions of students regarding E-learning during Covid-19 at a private medical college. *Pakistan Journal of Medical Sciences*, 36(COVID19-S4), 1-5.

<https://doi.org/10.12669/pjms.36.covid19-s4.2766>

Altena, E., Baglioni, C., Espie, C. A., Ellis, J., Gavrilloff, D., Holzinger, B., ... Riemann, D. (2020). Dealing with sleep problems during home confinement due to the COVID-19 outbreak: Practical recommendations from a task force of the European CBT-I Academy. *Journal of Sleep Research*, 29(4), 1-7. <https://doi.org/10.1111/jsr.13052>

Baticulon, R. E., Alberto, N. R. I., C. Baron, M. B., Mabulay, R. E. C., Rizada, L. G. T., Sy, J. J., ... Reyes, J. C. B. (2020). Barriers to online learning in the time of COVID-19: A national survey of medical students in the Philippines. *Medrxiv*, 1-19. <https://doi.org/10.1101/2020.07.16.20155747>

Cao, W., Fang, Z., Hou, G., Han, M., Xu, X., Dong, J., & Zheng, J. (2020). The psychological impact of the COVID-19 epidemic on college students in China. *Psychiatry Research*, 287, 112934-112949.

<https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112934>

Furtado, J. P., & Nakamura, E. (Org.) (2014). *Inserção social e habitação de pessoas com sofrimento mental grave*. São Paulo: FAP-UNIFESP.

Furtado, J. P., Onocko-Campos, R. T., Badaró Moreira, M. I., & Lavras Trappé, T. (2013). A elaboração participativa de indicadores para a avaliação em saúde mental. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(1), 102-110.

<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2013000100012>

Giavrimis, P., & Nikolaou, S.-M. (2020). The Greek University Student's social capital during the Covid-19 pandemic. *European Journal of Education Studies*, 7(8), 1-16. Recuperado de:

<https://oapub.org/edu/index.php/ejes/article/view/3175/5811>

Hasan, N., & Bao, Y. (2020). Impact of "e-Learning crack-up" perception on psychological distress among college students during COVID-19 pan-

demic: A mediating role of “fear of academic year loss.” *Children and Youth Services Review*, 118, 1–9. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105355>

Islam, N., Sharp, S. J., Chowell, G., Shabnam, S., Kawachi, I., Lacey, B., ... White, M. (2020). Physical distancing interventions and incidence of coronavirus disease 2019: natural experiment in 149 countries. *BMJ*, m2743. <https://doi.org/10.1136/bmj.m2743>

Luetke, M., Hensel, D., Herbenick, D., & Rosenberg, M. (2020). Romantic relationship conflict due to the Covid-19 pandemic and changes in intimate and sexual behaviors in a nationally representative sample of American adults. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 46(8), 747–762. <https://doi.org/10.1080/0092623x.2020.1810185>

Mann, F. D., Krueger, R. F., & Vohs, K. D. (2020). Personal economic anxiety in response to COVID-19. *Personality and Individual Differences*, 167, 110233–110239. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110233>

Marelli, S., Castelnuovo, A., Somma, A., Castronovo, V., Mombelli, S., Bottoni, D., ... Ferini-Strambi, L. (2020). Impact of COVID-19 lockdown on sleep quality in university students and administration staff. *Journal of Neurology*, 268(1), 8–15. <https://doi.org/10.1007/s00415-020-10056-6>

Medina, R. M., & Jaramillo-Valverde, L. (2020, 18 de maio). COVID-19: Quarantine and psychological impact on the population. *Scielo Preprints*. Publicação eletrônica antecipada: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/452/560>

Onocko-Campos, R. T., Pereira Furtado, J., Passos, E., & Benevides, R. (Org.) (2008). *Pesquisa avaliativa em saúde mental: Desenho participativo e efeitos da narratividade*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild.

Passos, E., Otanari, T. M. C., Emerich, B. F., & Guerini, L. (2013). O Comitê Cidadão como estratégia cogestiva em uma pesquisa participativa no campo da saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(10), 2919–2928. <https://doi.org/10.1590/s1413-81232013001000016>

Portaria MEC n. 544/2020, de 16 de junho de 2020. *Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio*

de 2020. Recuperado de: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>

Reardon, S. (2015). Ebola's mental-health wounds linger in Africa. *Nature*, 519(7541), 13–14. <https://doi.org/10.1038/519013a>

Rossi, R., Socci, V., Talevi, D., Mensi, S., Niolu, C., Pacitti, F., ... Di Lorenzo, G. (2020). COVID-19 Pandemic and Lockdown Measures Impact on Mental Health Among the General Population in Italy. *Frontiers in Psychiatry*, 11, 1–6. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2020.00790>

Shanahan, L., Steinhoff, A., Bechtiger, L., Murray, A. L., Nivette, A., Hepp, U., ... Eisner, M. (2020). Emotional distress in young adults during the COVID-19 pandemic: evidence of risk and resilience from a longitudinal cohort study. *Psychological Medicine*, 1–10. <https://doi.org/10.1017/s003329172000241x>

Vaz, B. C., Alves, E. S., Campos, F.C.B. (2014). Ver, ouvir e falar: As estratégias utilizadas no trabalho de campo. In Furtado, J. P., & Nakamura, E. (Orgs). *Inserção social e habitação de pessoas com sofrimento mental grave*. (pp. 221–238). São Paulo: FAP UNIFESP.

Vaz, B. C., Lyra, J., Cardoso, A. J. C., Silva, A. A., & Moraes, M. M. (2019). Produção compartilhada de conhecimentos em saúde mental: o Comitê de Acompanhamento de Pesquisa. *Saúde e Sociedade*, 28(3), 21–28. <https://doi.org/10.1590/s0104-129020190436>

Wang, C., Pan, R., Wan, X., Tan, Y., Xu, L., Ho, C. S., & Ho, R. C. (2020). Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 Coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in china. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(5), 1729. <https://doi.org/10.3390/ijerph17051729>

Zhai, Y., & Du, X. (2020). Addressing collegiate mental health amid COVID-19 pandemic. *Psychiatry Research*, 288, 113003–113004. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113003>

Recebido em: 27/04/2022

Aprovado em: 08/08/2022

